



PRIMEIROS PASSOS PARA PENSAR O DIREITO

Marcelo Lamy¹

RESUMO

Com o foco na preparação pessoal do pesquisador, este ensaio percorre as principais orientações exaradas pelo filósofo espanhol Alfonso López Quintás e pelo frade carmelita São João da Cruz aplicáveis ao tema. Assim, estabelece um plexo de aspectos intelectuais e emocionais que o pesquisador deve percorrer antes mesmo de incitar sua pesquisa.

Palavras-chave:

Pesquisa, Ciência, Razão Científica, Pré-Compreensão, Auto-Conhecimento

EMENTÁRIO: Introdução. 1. A angústia e o desafio da pesquisa. 1.1. Aprender a fazer perguntas dantes não perguntadas. 1.2. Selecionar criteriosamente boas obras. 2. O método de pesquisa de Alfonso López Quintás. 2.2. Observar a realidade. 2.3. Aprender a pensar e re-pensar. 2.4. Chaves interpretativas. 2.4.1. Objetos e âmbitos. 2.4.2. Experiências reversíveis. 2.4.3. O encontro. 2.5. Condições pessoais para aprender a pensar o Direito. 2.5.1. Valores e virtudes. 2.5.2. O ideal e a liberdade interior. 2.5.3. A questão da linguagem. 3. Aperfeiçoamento pessoal para o pensar. 3.1. Um novo objeto de análise. 3.2. Aperfeiçoamento das faculdades sensitivas. 3.3. Aperfeiçoamento das faculdades espirituais. Conclusão.

INTRODUÇÃO

Na seara das especialidades acadêmicas que se dedicam à pesquisa, o olhar é dirigido cotidianamente para a construção de métodos e de técnicas que permitam assegurar a cientificidade. Poucos se dedicam, no entanto, à consideração do homem-pesquisador, às condições prévias que esse deve incorporar para tornar-se legitimamente um cientista.

Em verdade, toda pesquisa é uma senda aberta a diversas, a variadas possibilidades. Essas possibilidades, no entanto, sofrem diversos embates, mas os principais são os vinculados à figura do

¹ Advogado e Consultor Jurídico. Bacharel em Direito (UFPR). Mestre em Direito Administrativo (USP). Doutor em Direito Constitucional (PUC-SP). Professor da UNISANTOS. Professor da UFPE. Diretor da Escola Superior de Direito Constitucional (ESDC). Coordenador e Professor da Pós-Graduação Lato Sensu em Direito Constitucional da ESDC. Professor da FACIPLAC. Professor convidado do Instituto Jurídico Interdisciplinar da Faculdade de Direito da Universidade do Porto. lamy@esdc.com.br.



pesquisador. É o pesquisador quem vivencia verdadeiramente as dificuldades. Mais ainda, independente dos obstáculos objetivos de toda e qualquer pesquisa, grande parte das dificuldades da pesquisa tem efetivamente natureza pessoal.

1 A ANGÚSTIA E O DESAFIO DA PESQUISA

Todo pesquisador, iniciante ou experiente, ao iniciar um novo projeto de estudos, vê-se atingido por certa ansiedade, por uma relativa angústia intelectual.

O simples fato de imaginar o árduo trabalho que terá pela frente (a começar pela difícil tarefa de decidir sobre o que se debruçará e de descobrir que leituras terá que percorrer) e de internalizar a incerteza sobre os resultados (pois poderá ou não atingir) fazem dessa reação algo natural, demasiadamente humana.

Por outro lado, o prazer de resolver um enigma, a satisfação de demonstrar um pensamento novo (seu), de compreender um assunto estudado de um modo especialmente diferenciado (experiências de quem já percorreu alguma vez esse caminho) entusiasma de forma singular a qualquer investigador.

Mais ainda, a percepção de que a pesquisa é o caminho seguro para despertar o espírito crítico, a inteligência capaz de examinar as pesquisas dos outros, de fazer as suas próprias indagações e de encontrar as respectivas respostas, torna essa atividade o *locus* de novas dimensões pessoais.

Quando escrevemos percebemos com maior clareza as relações entre as nossas idéias. Escrever, em verdade, induz a pensar, pois explicar em texto o que achávamos ter entendido (mentalmente) exige re-estruturar nossa percepção anterior. Escrever ajuda a pensar melhor.

Capacitar-se para a pesquisa é habilitar-se para incorporar um novo modo de ser e agir, uma nova humanidade desperta.

Nesse contexto, as angústias e dificuldades continuam a existir, mas ganham a dimensão que Cruz e Souza² retrata magistralmente no soneto *Sorriso Interior* (como só um poeta pode fazer):

O ser que é ser e que jamais vacila
Nas guerras imortais entre sem susto,
Leva consigo este brasão augusto
Do grande amor, da grande fé tranqüila.

Os abismos carnis da triste argila
Ele os vence sem ânsias e sem custo...
Fica sereno, num sorriso justo,

² João da Cruz e Souza. **Poesia** (organizado por Tasso da Silveira). 5ª ed. Coleção Nossos Clássicos. RJ: Livraria Agir Editora, 1975, p. 86.



Enquanto tudo em derredor oscila.

Ondas interiores de grandeza
Dão-lhe esta glória em frente à Natureza,
Esse esplendor, todo esse largo eflúvio.

O ser que é ser transforma tudo em flores...
E para ironizar as próprias dores
Canta por entre as águas do Dilúvio!

Por outro lado, há que se ter em conta que as incertezas, causas de nossa cotidiana insegurança, também são a razão de nossa felicidade.

Para aquele que não se deu conta de tal realidade humana, recomendamos considerar os trechos abaixo transcritos da novela Heliópolis, de Ernst Junger.

Nessa obra, após um grupo de personagens discutir o que é a felicidade, aparece um instigante relato, o relato de Ortner, em que esse personagem adquire uma habilidade especial, o dom da premonição. Aguçando seu olhar é capaz de saber tudo o que ocorrerá. E nesse ponto começa seu dilema, sua infelicidade:

Muy pronto perdí todo interés por el juego. La salvaje tensión que se había apoderado de mí en otros tiempos y que hacía que la noche pasara en un abrir y cerrar de ojos, cedió el puesto, tras la primera sorpresa, al aburrimiento, después de comprobar que mi suerte era infalible. Me sentaba junto a la mesa de juego del mismo modo que el oficinista espera impaciente el fin de la jornada. Lo único divertido era la pasión de los otros: el modo como aquellos mentecatos tendían sus trampas para caer en las mías³.

Embora tais conhecimentos proporcionassem grandes sucessos financeiros, o aborrecimento contamina a vida previsível:

Tal era mi vida, contemplada desde el exterior. No podía ser más próspera. Y, sin embargo, a medida que aumentaban mi poder y mi prestigio, iba aumentando, en igual proporción, mi sentimiento de infelicidad. Primero fue el hastío, cada vez más torturador. Noté que me faltaban la tensión, el factor de incertidumbre, el pro y el contra, el rojo y el negro que dan su encanto a la vida. Encarnaba el papel de combatiente invencible. Podía calcular todas las posibilidades. A mi vida Le faltaban lo misterioso, lo enigmático, lo indeterminado, lo que acelera los latidos del corazón⁴.

Pesquisar é uma complexa e prazerosa atividade simples. A simplicidade vem de seu conceito: reunir as informações necessárias para responder às indagações do pesquisador, para solucionar algum problema colocado pelo mesmo, e compartilhar tais ilações com os demais. A complexidade advém

³ Ernst Junger. Heliópolis. **Visión retrospectiva de una ciudad**. Traducción del alemán por Marciano Villanueva. Barcelona: Editorial Seix Barral, 1998, p. 151.

⁴ Ernst Junger. Heliópolis. **Visión retrospectiva de una ciudad**. Traducción del alemán por Marciano Villanueva. Barcelona: Editorial Seix Barral, 1998, p. 159.



da sua prática: Quais indagações são relevantes? Quais são as informações necessárias? Quando elas são suficientes? Quanto das respostas atingidas podem ser contestadas? Etc.

Por outro lado, a pesquisa é uma realidade que embebe nossa vida.

Ao entrar em uma biblioteca, podemos verificar que dezenas de milhares de pesquisadores pensaram sobre incontáveis questões e problemas, colheram informações, estabeleceram diálogos, e deram resposta ou soluções, compartilhando, por fim, suas conclusões com os outros.

Mais ainda, muitas dessas pesquisas não ficaram presas nessas “torres de marfim”, moldaram verdadeiramente nossa visão de mundo, determinaram a maior parte de tudo aquilo em que acreditamos: efetivamente cada um de nós não teve a oportunidade de verificar a verdade ou não de que exista um sistema solar, de que nosso organismo possua neurônios, ou de que a palavra amor tenha tais origens etimológicas...

Nunca saberemos completamente a influência de nossa pesquisa, mas é preciso que tenhamos consciência da responsabilidade de entrar nessa seara de atividades humanas.

Aprender a pesquisar altera o modo de pensar, ensina novos modos de pensar.

1.1 APRENDER A FAZER PERGUNTAS ANTES NÃO PERGUNTADAS

Talvez o primeiro passo para um pesquisador seja o de apreender a ler criticamente. Com os olhares abertos para as contradições, inconsistências e explicações incompletas dos textos que consulta, o pesquisador ver-se-á recheado de problemas, de desafios para a sua pesquisa.

As perguntas que os filósofos gregos sempre faziam devem percorrer nossas leituras: Quem? O que? Quando? Onde? Por quê? Como?

Se os textos que consultamos primariamente não percorrem tais indagações, podemos abrir sendas para a nossa pesquisa.

De outra forma, identificar as partes e o todo de seu tópico de pesquisa, rastrear a história e as mudanças do seu objeto de análise, identificar a utilidade ou importância do mesmo, abrem novos sulcos de investigação.

É preciso deixar a mente aberta para fazer perguntas que não foram feitas pelas fontes de pesquisa consultadas, para dar respostas que não foram elaboradas pelos pesquisadores anteriores.

É preciso incorporar o lema que Guimarães Rosa aponta em sua obra *Tutaméia* (Terceiras Histórias): “Eu só dou resposta para perguntas que ninguém perguntou”⁵.

⁵ João Guimarães Rosa. *Tutaméia*. RJ: Nova Fronteira, 1985, p. 18. APUD Rubem Alves. *Lições de Feitiçaria. Meditações sobre a poesia*. SP: Loyola, 2003, p. 29.



Habilidade que Rubem Alves endossa com precisão e demonstra sua repercussão:

Se suas respostas fossem respostas para perguntas perguntadas, o perguntador permaneceria dentro do mesmo mundo de onde suas perguntas haviam brotado. O conhecimento só faria confirmar a mesmice do mundo familiar de nossas rotinas cotidianas. Respostas que fazem tropeçar, respostas que são o começo de outro mundo⁶.

Somos caudatários de um sistema educacional muitas vezes viciado em não cultivar a inteligência: “O desejo de inculcar nos alunos o que é tido como certo faz com que muitos educadores se mostrem desatentos para o treino da inteligência”⁷.

O verdadeiro objetivo da educação não é, no entanto, o de criar banco de dados, mas o de criar a *aptidão para adquirir* novos conhecimentos. Não interessa tanto o conhecimento já adquirido, quanto a capacidade de os adquirir.

Para que isso ocorra, é preciso cultivar diversos hábitos complementares: a praxe da observação (Plotino nos dizia que Sábio é o que em tudo lê), a crença na possibilidade de conhecimento, a paciência para amadurecer o pensamento e, em especial, a largueza de espírito, a magnanimidade, pois é “difícil abandonar crenças alimentadas por muitos anos, bem como o que contribuiu para a nossa auto-estima e outras paixões”⁸.

Assim nos dizia Russel: “todos nós devemos aprender a pensar por nós mesmos a respeito de assuntos que nos sejam particularmente conhecidos”⁹.

Educar para a inteligência é educar também para o não conclusivo e para a dúvida (apesar de nossa ansiedade e falta de paciência exigirem respostas definitivas).

São posturas como essas que permitirão formular as perguntas para a nossa pesquisa.

O despertar para a pesquisa depende, em grande medida, do hábito intelectual de continuamente observar a realidade.

1.2 SELECIONAR CRITERIOSAMENTE BOAS OBRAS

O treino continuado para essa inclinação (perguntar o dantes não perguntado) advém certamente de cultivar a leitura de “boas obras” de “bons autores”.

Veja-se, por exemplo, quantas indagações nos despertam os seguintes textos literários transcritos:

ANALFABETISMO, de MACHADO DE ASSIS¹⁰

⁶ Rubem Alves. **Lições de Feitiçaria**. Meditações sobre a poesia. SP: Loyola, 2003, p. 29.

⁷ Bertrand Russel. **On Education**, p. 40.

⁸ Bertrand Russel. **On Education**, p. 41.

⁹ Bertrand Russel. **On Education**, p. 44.



Gosto de algarismos, porque não são de meias medidas nem de metáforas. Eles dizem as coisas pelo seu nome, às vezes um nome feio, mas não havendo outro, não o escolhem. São sinceros, francos, ingênuos. As letras fizeram-se para frases: o algarismo não tem frases, nem retórica.

Assim, por exemplo, um homem, o leitor ou eu, querendo falar do nosso país dirá:

– Quando uma Constituição livre pôs nas mãos de um povo o seu destino, força é que este povo caminhe para o futuro com as bandeiras do progresso desfraldadas. A soberania nacional reside nas Câmaras; as Câmaras são a representação nacional. A opinião pública deste país é o magistrado último, o supremo tribunal dos homens e das coisas. Peço à nação que decida entre mim e o Sr. Fidelis Teles Meireles Queles; ela possui nas mãos o direito a todos superior a todos os direitos.

A isto responderá o algarismo com a maior simplicidade:

– A nação não sabe ler. Há só 30% dos indivíduos residentes neste país que podem ler; desses uns 9% não lêem letra de mão. 70% jazem em profunda ignorância. Não saber ler é ignorar o Sr. Meireles Queles: é não saber o que ele vale, o que ele pensa, o que ele quer; nem se realmente pode querer ou pensar. 70% dos cidadãos votam do mesmo modo que respiram: sem saber por que nem o quê. Votam como vão à festa da Penha, – por divertimento. A Constituição é para eles uma coisa inteiramente desconhecida. Estão prontos para tudo: uma revolução ou um golpe de Estado.

Replico eu:

– Mas, Sr. Algarismo, creio que as instituições...

– As instituições existem, mas por e para 30% dos cidadãos. Proponho uma reforma no estilo político. Não se deve dizer: “consultar a nação, representantes da nação, os poderes da nação”; mas – “consultar os 30%, representantes dos 30%, poderes dos 30%”. A opinião pública é uma metáfora sem base: há só opinião dos 30%. Um deputado que disser na Câmara: “Sr. Presidente, falo deste modo porque os 30% nos ouvem...” dirá uma coisa extremamente sensata.

E eu não sei que se possa dizer ao algarismo, se ele falar desse modo, porque nós não temos base segura para os nossos discursos, e ele tem o recenseamento.

15 de Agosto de 1876

Gabriel Perissé relata as observações de Walter Wink, professor de teologia bíblica norte-americano, sobre a passagem bíblica tão conhecida de Mateus 5, 41: “se alguém te ferir na face direita, oferece-lhe a esquerda”. Passagem que tantas vezes interpretamos e replicamos como uma lição de aceitação pacífica da violência, de passividade e de amor ao inimigo.

Por que Jesus teria falado em oferecer ao agressor a face esquerda depois que a direita foi atingida por uma bofetada?

A resposta necessita da compreensão do contexto social e cultural (incluindo o comportamento corporal daquele tempo e lugar) em que o Mestre vivia.

Na antiga Palestina, um pobre escravo, diante de seu senhor, aguarda o momento de receber um violento tapa no rosto. Mas o seu “dono” não usará a mão esquerda, destinada (naquela mentalidade) apenas para as tarefas consideradas indignas. Usará a direita, para destacar o seu poder e superioridade. Desse modo, no entanto, jamais conseguiria atingir a face direita do escravo, a menos que lhe desse um soco ou usasse a palma da mão direita, e mesmo assim contorcendo-se ou virando o braço.

¹⁰ Machado de Assis. *Crônicas Escolhidas*. SP: Ática, 1994, p. 18-19.



Por que, perguntemos de novo, Jesus fala que a face direita (*dextera maxilla*) foi a primeira a ser atingida?

Para atingir seu escravo na face direita, o senhor terá que usar as costas de sua mão direita, o que, naquele tempo, tinha também um sentido preciso. Agredir alguém com as costas da mão direita era um gesto próprio de quem ocupava uma posição social de relevo e queria humilhar o mais fraco.

Assim, como que hierarquicamente, os senhores esbofeteavam os escravos; os maridos as mulheres e os professores os alunos. Era sempre com as costas da mão direita na face direita.

A mensagem implícita, facilmente reconhecida pelo escravo, pela mulher, pelo filho e pelo aluno era a seguinte: “Submeta-se a mim! Veja com quem está falando! Fique no seu lugar!”

Mas aqui ouvimos a recomendação de Jesus, mais revolucionária do que parecia à primeira vista: depois de receber o tapa na face direita, ofereça a face esquerda.

E esse gesto surpreendente traz uma mensagem, a ser interpretada por aquele que bateu. E a mensagem é a seguinte: “Vamos, use de novo a mão direita, mostre sua dignidade e seu poder, mas agora você terá que me agredir na face esquerda, com um soco da sua mão direita ou com um tapa, usando a palma da sua mão direita, e dar um soco ou um tapa com a palma da mão (você bem sabe) só têm sentido entre pessoas que estão em pé de igualdade. Vamos, estamos em pé de igualdade. Examine isso: nós dois somos seres humanos. Esta é a dignidade que nos iguala. Veja a mentira em que se baseava o seu gesto violento, a sua arrogância. Você pensa que é superior a alguém? Será você superior a uma pessoa capaz de dominar-se e oferecer a outra face? Você se considera superior a uma pessoa que, oferecendo a outra face, oferece-lhe a oportunidade de pensar, de repensar seu comportamento?”¹¹.

Uma simples frase, por outro lado, pode render muitas horas de reflexão e vários rumos para investigações. Veja-se, por exemplo, a primeira frase do clássico livro *Ana Karênina*, publicado em 1867, de Lev Nikoláievich Tolstói: “Todas as famílias felizes são parecidas entre si. As infelizes são infelizes cada uma a sua maneira”¹².

Quanto dessa afirmação subverte nossa equivocada percepção!

2 O MÉTODO DE PESQUISA DE ALFONSO LÓPEZ QUINTÁS

O filósofo espanhol Alfonso López Quintás, desde sua defesa de doutorado, dedicou-se a construir um procedimento pedagógico que não se limitasse a *ensinar* os conteúdos, uma metodologia de ensino que apresentasse outras perspectivas, que possibilitasse aos discentes a *descoberta* “por si mesmos” dos conteúdos.

Com uma visão lúcida sobre a necessidade de adequar os métodos de ensino à realidade do ouvinte de nosso tempo (notadamente repulsivo a imposições autoritárias e, ao mesmo tempo, sensivelmente despreparado para defender-se das manipulações que o cercam),

¹¹ Gabriel Perissé. **O professor do futuro**. RJ: Thex Editora, 2002. p. 33-34.

¹² Tolstói. **Ana Karênina**. Trad. Mirtes Ugeda. SP: Nova Cultural, 2002.



esse pensador, acabou por criar, reflexamente, um método perfeitamente (feito com perfeição) estruturado de pesquisa.

Sob essa ótica reflexa, percorreremos seus principais ensinamentos.

2.2 OBSERVAR A REALIDADE

O pressuposto inicial de seu olhar é, de per si, bastante revelador. Entende que a nossa própria realidade e grande parte das realidades que nos circundam precisam ser estudadas pelo que “são” e pelo que “devem vir-a-ser”, pois essas possibilidades quase-impositivas (não são meras potências, mas dever-ser) constituem facetas intrínsecas da própria realidade: “Se devemos conhecê-las, precisamos avaliá-las pelo que são e pelo que estão chamadas a ser”¹³.

E mais, as questões só podem ser devidamente esclarecidas se as situarmos em seu verdadeiro e completo contexto... Não são os reducionismos, próprio das especialidades, que permitirão conhecer a realidade que nos circunda, pois esclarecem apenas uma faceta dessa.

É preciso, portanto, aprender a observar atentamente a realidade, em toda a sua complexidade.

2.3. APRENDER A PENSAR E RE-PENSAR

Por outro lado, o método pedagógico proposto por Alfonso López Quintás deve ser conduzido por quem (professores, pais, líderes) ajude a *conhecer* e a *prever* as conseqüências do que se compreendeu.

O contexto de “ajudar a conhecer” também deve ser percorrido pelo pesquisador, um natural autodidata. No seu caso, no entanto, podemos intitular esse pressuposto como “aprender a conhecer” ou “aprender a pensar”.

Nesse ponto, López Quintás desenvolve com precisão um conjunto de doze “chaves-interpretativas” da realidade.

O contexto de “ajudar a prever” é muito relevante para o pensamento de López Quintás, pois, como um legítimo humanista, sua preocupação volta-se para a realização de cada ser humano, para que a vida de cada um atinja o sucesso (una vida lograda).

¹³ Alfonso López Quintás. **Descobrir a Grandeza da Vida**. Introdução à Pedagogia do Encontro. Trad. Gabriel Perissé. SP: ESDC, 2005, p. 10.



Esse contexto, em primeira mão, não passa despercebido ao pesquisador, pois rotineiramente pensa nas conseqüências de tal ou qual tese que defende. Mais ainda, muitas vezes a pesquisa é imaginada em função dos resultados almejados.

Mas o aspecto que López Quintás enfrenta sobre a previsão é muito mais profundo. Busca revelar a relação existente entre nossa visão de mundo, nossos sentimentos e a conseqüente atitude de vida que incorporamos.

Muitas vezes, o pesquisador instalou-se e continua instalado em uma visão de mundo, em uma concepção de vida que o faz enxergar limitadamente a realidade. Mas ainda, o faz perder a capacidade de prever que outra visão de mundo poderia lhe dar outro encaminhamento, outro resultado até mesmo para sua vida.

Abrir-se para esse “re-pensar” sobre o que nos molda é preciso.

Somente assim, percebemos que, por exemplo, nossa visão hedonista, que reclama a satisfação urgente de nossas pretensas necessidades, transforma, muitas vezes, nossos desejos (que deveriam ser somente isso) em objetivos de vida. E porque estão fora do lugar, confundem toda nossa vida: confundimos o cansaço com infelicidade, aquisição de bens materiais com realização pessoal...

A corrupção do ser humano tem início na corrupção da mente, no momento em que ocorre a confusão e adulteração dos conceitos. A regeneração de pessoas e povos deve começar pelo esclarecimento das idéias mediante o exercício do pensar bem¹⁴.

A profunda apreensão da realidade traduz-se, portanto, em compreender que existem atitudes adequadas (conformes) e inadequadas (desconformes) à mesma.

2.4 CHAVES INTERPRETATIVAS

Para compreender a realidade material ou cultural, objetivo da investigação científica, López Quintás nos apresenta uma trilha, um conjunto de técnicas de observação (que intitula “descobertas”) que efetivamente apura o olhar crítico.

¹⁴ Alfonso López Quintás. **Descobrir a Grandeza da Vida**. Introdução à Pedagogia do Encontro. Trad. Gabriel Perissé. SP: ESDC, 2005, p. 17.



2.4.1 OBJETOS E ÂMBITOS

A realidade pode se apresentar de duas formas, em dois níveis: como objeto ou como âmbito.

“Objeto” é a forma configuradora das realidades delimitadas (cuja essência é constituída sem qualquer relação com outros seres, pois está fechada em si mesma), que legitimamente podem ser manuseadas, possuídas, usadas como meio.

É a característica, em geral, coincidente com a nossa linguagem. Tratamos como objeto os seres inanimados, que não extravasam qualquer dinamicidade além de si mesmo.

Assim pode ser visto, por exemplo, um livro: como um punhado de papel pintado tipograficamente.

“Âmbito” é a forma das realidades relacionais, das realidades que só podem ser compreendidas olhando para o seu entorno, e que, por esse modo de ser diferenciado, não podem ser manuseadas, possuídas ou simplesmente usadas (como os objetos).

A natureza ambital transfigura a realidade (dá-lhe outra forma), passando a compreender, dentro de si mesma, a “relação” que estabelece com o seu entorno. A relação não é externa, mas intrínseca. Somente “com” a relação atinge-se o pleno sentido dessa espécie de realidade.

Assim pode ser visto, por exemplo, uma obra literária: incompreensível se observada apenas através dos seus elementos materiais, papel e tinta.

Identificar qual espécie de realidade estamos estudando modifica nosso olhar, desvenda outras possibilidades antes despercebidas, impede que rebaixemos nosso tratamento a uma realidade superior ou que sobrevalorizemos uma realidade inferior.

No campo jurídico, tal percepção crítica também se apresenta, mas, por vezes, é desconsiderada supinamente. Kant, por exemplo, explica que tratar com dignidade ao homem é tratá-lo como pessoa e não como objeto. Por outro lado, o direito positivo continua referindo-se à “busca” e “apreensão” de menores, como se objetos manuseáveis fossem.

Não se trata meramente de um problema externo de linguagem, mas de uma concepção arraigada de manuseio que a linguagem revela.

Da mesma forma, falamos da minha esposa, do meu marido, do meu filho... Todos são objetos de posse?



É preciso descobrir que as realidades em análise não são tão simples quanto imediatamente aparentam. Os objetos apresentam-se muitas vezes não como simples objetos, mas, como diz Alfonso López Quintás, como âmbitos. Percepção que Jacob do Bandolim apresenta com a profundidade que só um poeta pode ter¹⁵:

NAQUELA MESA
Naquela mesa ele sentava sempre
E me dizia sempre
O que é viver melhor.

Naquela mesa ele contava histórias
Que hoje na memória
eu guardo e sei de cor.

Naquela mesa ele juntava gente
E contava contente
O que fez de manhã...

E nos seus olhos era tanto brilho
Que mais que seu filho
Eu fiquei seu fã.

Eu não sabia que doía tanto
Uma mesa num canto
Uma casa e um jardim.

Se eu soubesse quanto dói a vida
Essa dor tão doída
Não doía assim.

Agora resta uma mesa na sala
E hoje ninguém mais fala
No seu bandolim...

Naquela mesa tá faltando ele
E a saudade dele
Tá doendo em mim.

2.4.2 EXPERIÊNCIAS REVERSÍVEIS

As realidades ambiais, porque são realidades abertas à relação, dinâmicas, estabelecem uma união estreita e bidirecional (configuram e são configuradas) com o seu entorno, trazem aquilo que em princípio é externo para a sua intimidade (que já não é a mesma)

¹⁵ Gabriel Perissé desenvolve análise desse poema musical que desvela claramente a complexa realidade que um simples objeto traz ao tornar-se âmbito. A precisão e a profundidade de sua análise fazem-nos indicar vivamente a leitura de sua obra Método Lúdico-Ambital: a leitura das entrelinhas.



No dizer de López Quintás, há realidades que se revelam unicamente como “experiências reversíveis”, pois sua constituição interna se dá unicamente “em relação”, em mútua influência. Essas realidades não podem ser compreendidas isoladamente (como os objetos), mas somente no plexo de relações e influências que se estabelecem entre os seus correlacionados:

Você, convertendo o poema em sua própria voz interior, estabelece com ele uma união estreitíssima. Continuam sendo duas realidades diferentes, mas já não estão um fora do outro. Seus destinos se uniram. O poema vive porque você (e outros intérpretes) lhe dá vida, e você se desenvolve culturalmente graças ao poema (e a outras obras de qualidade), que lhe oferece o tesouro de sabedoria e beleza que alberga ¹⁶.

Diversas são as realidades que se integram nas correlacionadas, que formam uma unidade entranhável com as que se relaciona:

Uma experiência linear é a que vai do sujeito ao objeto – eu dou um impulso na caneta e a caneta sofre esse impulso e aí permanece. O esquema que estrutura esta ação é o esquema ação/paixão: eu atuo-ele padece. Na experiência reversível, não é assim; eu atuo sobre você, você atua sobre mim, são duas atuações livres que complementam a nós dois. (...) Por exemplo, um professor que se considere o “tal”, que fale e pontifique... e os alunos não tenham mais que simplesmente padecer o que ele diz, somente recebendo, mas sem iniciativa, seria um professor que vive de experiências lineares. Mas se o professor fala, atua sobre os alunos, mas eles também reagem, por exemplo, fazendo trabalhos, propondo perguntas... é uma experiência reversível na aula, isto é mais maduro ¹⁷.

Assim se dá, por exemplo, com os conceitos de Direito, de Constituição, de Legalidade e de Estado.

A posição conceitual que se apontou para o Direito e para a Legalidade, nos dias atuais, permitiu que a Constituição passasse a ser compreendida sobre outras formas. Por outro lado, a nova configuração da Constituição permitiu renovar o conceito de Direito e de Legalidade.

A nova configuração do Estado alterou as concepções de Direito, Legalidade e Constituição. Por outro lado, essas novas concepções permitiram-nos enxergar um novo Estado.

Quem não se atenta a essas influências bidirecionais age como um pesquisador asmático, que vive timidamente sua especialidade (sua capacidade exclusivamente linear o

¹⁶ Aut. Cit. **Descobrir a grandeza da vida**. SP:ESDC, 2005, p. 22.

¹⁷ Aut. Cit. **A Formação Adequada à Configuração de um Novo Humanismo**. Conferência de Alfonso López Quintás proferida na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 26 nov. 1999. Disponível em: <<http://www.hottopos.com.br/prov/quint2p.htm>>. Acesso em: 10 out. 2009.



impede de dar passos atléticos), quando não morre asfixiado (pois seus pressupostos não são mais compatíveis com a realidade que o circunda), mesmo estando rodeado de ar: “ El hombre recluido en sí mismo no es libre para ser creativo, asumiendo activamente las posibilidades que le vienen ofrecidas *desde fuera* y que se convertirían en *íntimas* si las tomara como principio eficaz de su acción”¹⁸.

Assim, sob essa nova matriz de observação, precisam ser estudadas as realidades ambiais. Sem investigar o entrelaçamento, sem pesquisar o “campo de jogo” dessas realidades, a explicação será mais do que reducionista, será rebaixadora.

2.4.3 O ENCONTRO

Tendo em conta a existência de realidades ambiais e de que essas refletem experiências reversíveis, López Quintás nos apresenta um novo e decisivo desafio (também para a pesquisa): incorporarmos a atitude pessoal de encontro.

Somente dessa forma (como essa disposição) poderemos ingressar, em nossas investigações, no âmago dessas realidades.

Para encontrar o que é vital em uma realidade social estudada, não podemos simplesmente observar externamente suas características. É preciso imaginarmo-nos inseridos nela, interagindo, pelo menos ficcionalmente, com a mesma.

Da mesma forma, para encontrar o que é fundamental em uma obra literária ou científica (realidade cultural sob a qual rotineiramente nos debruçamos nas pesquisas acadêmicas), não devemos simplesmente passar os olhos sobre as afirmações literais. É preciso entrar em relação criadora com a obra, em diálogo com o que for apresentado.

É necessário incorporar o método de encontro na leitura de tudo (repetimos que Plotino afirmava que sábio é o que em tudo lê), que permite descobrir o afirmado pelo autor, mas que não encerra o pensamento nessa dimensão, pelo contrário, que permite o livre fluir de idéias não-ditas (talvez mais vivas e significativas para a nossa pesquisa), que permite retirar as luzes da obra analisada e as luzes ausentes, pressupostas, inferidas...

Mas a dinâmica imaginada como necessária para que realmente a leitura seja um encontro, para que a leitura seja uma pesquisa, não se estabelece de imediato (embora a atitude deva ser imediata). É preciso dar alguns passos, gradativos, que permitirão o encontro.

¹⁸ Alfonso López Quintás. **El espíritu de Europa**. Madrid: Unión Editorial, 2000, p. 144.



O primeiro passo, descrito por López Quintás (adaptado aqui, como serão os seguintes, com certa liberdade criativa), exige diferenciar aquilo que se apresenta de imediato (o apanhado de idéias), daquilo que constitui, de forma geral, o *núcleo de sentido* em torno do qual a realidade se apresenta.

O segundo passo é o da contextualização, pois nada é gerado no vazio, tudo tem sua história, todos tem as suas motivações (as criações são realidades ambíais). Nesse momento, muitos sentidos podem ser desvelados (retirando o véu).

O terceiro passo consiste em identificar e compreender os pontos relevantes e nucleares, as idéias que configuram o sentido profundo, mascaradas pela trama global. Trata-se de uma análise detalhada dos argumentos que compõem o relevante, o nuclear.

O quarto passo é de abertura para o outro, consiste em perceber a beleza e a eficácia da imagem apresentada.

É preciso cuidar para que a atitude de encontro não seja abafada pela análise crítica dos passos anteriores. A pesquisa, a descoberta honesta faz-se com o entrelaçamento: raramente alguém apresentou um pensamento da forma perfeita (pelo menos para o olhar do leitor), quase sempre é possível aperfeiçoar o dito; mas isto não deve implicar na assunção da atitude desmedida de achar que ninguém apresentou bem...

O quinto e último passo é o que se dirige a uma valoração geral do texto e do pensamento sobre o texto. Trata-se de reunir e relacionar todas as descobertas que se produziram nos passos anteriores, de explicitar em que medida o estudado nos fez repensar algo e em que medida novas reflexões são necessárias.

Por outro lado, para que exista o encontro é necessário permitir-se o diálogo, abrir-se não apenas para a liberdade pessoal, mas também para a alheia. Mais ainda, para enxergar a riqueza alheia.

2.5 CONDIÇÕES PESSOAIS PARA APRENDER A PENSAR O DIREITO

Alfonso López Quintás aponta-nos, em seu rol de chaves interpretativas, mais nove descobertas para a Inteligência tornar-se criativa (criadora de novos olhares, de novas explicações). São, sob nossa ótica, atitudes que o pesquisador deve assumir para que possa enxergar as realidades ambíais, as experiências reversíveis, e vivenciar o encontro. Nessa



pauta comportamental, verdadeira trilha metodológica, o pesquisador torna-se criador (deixa de ser repetidor) e desvela novas realidades.

2.5.1 VALORES E VIRTUDES

Na quarta descoberta (os valores¹⁹ e as virtudes²⁰), López Quintás indica-nos atitudes necessárias, exigências para o encontro (para o diálogo intelectual com os autores e objetos estudados).

Em primeiro lugar, é preciso levar para a leitura (falamos aqui de qualquer tipo de leitura, não só a de textos) o nosso, o que sabemos sobre o assunto, nossas compreensões e pré-compreensões, com *generosidade*. Ou seja, sem mascarar o que pensamos ou pré-pensamos, dar ao outro o nosso.

Essa atitude pessoal prepara-nos para aceitar o reverso, para escutar o que os outros têm a nos dizer sem preconceitos. Por isso, o segundo passo é a *disponibilidade de espírito*, que permite não apenas escutar as propostas explicativas alheias, mas vibrar com as mesmas, vivenciá-las como próprias. Para tanto, é preciso refrear, nesse momento, nosso espírito crítico, pois tendemos a ler filtrando tudo o que é dito, segundo nossas pré-compreensões ou pré-disposições (há muito de pré-disposição que não advém de uma pré-compreensão). Para encontrar-se verdadeiramente com um pensamento alheio é preciso descartar, pelo menos provisoriamente, das auto-confianças, das opiniões próprias tidas como sólidas. Ao contrário, estaremos fechados em nós mesmos e entorpecidos para o alheio.

O estabelecimento desse movimento bidirecional (o nosso =>, <= o outro) exige, de nossa parte, ainda: *veracidade* – para mostrar o que pensamos sem deformações táticas, sem querer dominar a discussão (somente os objetos podem ser dominados, manipulados, não os âmbitos, como a opinião alheia); *desejo de compreender o outro* – para colocar-se no lugar do outro, para ver a vida sob novo ponto de vista, entendendo por dentro o ponto de vista alheio, sem indiferenças, que deixa de ser alheio (não basta entender o pensamento alheio, é preciso percorrer pessoalmente, vivenciar, o mesmo, embora continue alheio).

¹⁹ Valor, para López Quintás, é uma qualidade que atribuímos àquilo que nos ajuda a “ser mais”, a crescer como pessoas.

²⁰ Virtude, por sua vez, é uma atitude, um modo pessoal de estar no mundo, de interagir com o mundo. É uma tradução dos valores, uma transformação dos valores em formas de conduta.



Há que se cuidar, no entanto, para não assumir um posicionamento reverso ao verdadeiro encontro com o alheio. Ao considerar o pensamento alheio, devemos vivenciá-lo como próprio, mas de uma forma paradoxal: mantendo uma distância justa do mesmo. Há que se vivenciar o alheio como próprio e alheio ao mesmo tempo. Anular completamente a distância faz com que o alheio domine o “nosso” (atitude muito comum nos estudiosos acostumados a revestir-se de discípulos).

O verdadeiro encontro produz o diálogo, o entreveramento de posicionamentos e não o domínio completo de qualquer lado (dominar o alheio ou perder-se no alheio). As realidades que se encontram (no sentido legítimo do termo) devem ser aproximadas, mas não fundidas, devem estar a certa distância, mas não afastadas. Dessa maneira é possível o jogo, o espaço de liberdade que desvenda novos significados, novas descobertas.

É a distância justa, não o afastamento, que permite também o legítimo espírito crítico. E nesse ponto, López Quintás apresenta observação preciosa para a investigação científica, diz que “Os exemplos delatam os pensadores porque indicam o *nível de realidade* em que eles se movem”²¹.

Pelos exemplos apresentados junto às considerações de alguém é possível dimensionar a amplitude do raciocínio apresentado, qual o universo abrangido pelas respectivas considerações (preocupação do pensamento rigoroso: os limites ou pressupostos de um raciocínio). Pelos exemplos observados pelo pensador podem ser verificadas as possibilidades ou não de ampliar-se um raciocínio. Desvelam, de outra forma, qual a verdadeira experiência que o pensador tem da realidade concreta, como o pensador enxerga a realidade ou se a realidade é tratada como objeto ou como âmbito.

Por outro lado, López Quintás desvela realidade que muitas vezes não queríamos que fosse verdade (especialmente quando nosso prazo é curto): que pensar algo profundamente dá trabalho e leva tempo. Há um ritmo natural, necessariamente lento ou mais lento, para que possamos adquirir intimidade com um tema. Saber viver, adaptar-se a esse tempo é que denomina *paciência*.

²¹ Alfonso López Quintás. **Inteligência Criativa**: descoberta pessoal dos valores. SP: Paulinas, 2004, p. 236.



2.5.2 O IDEAL E A LIBERDADE INTERIOR

Na quinta descoberta, López Quintás aponta que o homem é movido por ideais, que não há intelectualidade sem um ideal, sem um propósito, que não há pensamento se não se quer chegar a algum lugar.

Mas esse ideal pode revestir-se de duas fantasias diferentes. Pode configurar-se como uma atitude dominadora (que querer dominar o objeto de investigação) ou como uma atitude criadora (que simplesmente assume as possibilidades do tema e desvela faceta ou facetas valiosas).

O pesquisador que incorpora a atitude dominadora fica inquieto enquanto não atinge o domínio, é perturbado por qualquer descoberta que contrarie sua possibilidade de domínio.

O pesquisador que incorpora a atitude criadora, por outro lado, vivencia toda e qualquer luz encontrada, retira, portanto, energia de tudo o que se descobre, seja favorável ou não ao que pensava. Por que está aberto ao outro, se algo contrariar a seus preconceitos não sentir-se-á ofendido, mas enriquecido.

Em outras palavras, López Quintás nos ensina que o ideal autêntico (querer descobrir a verdade objetivamente) confere pleno sentido a investigação, enquanto o falso ideal (querer apresentar-se como sábio) esvazia de sentido a investigação, desorienta e desequilibra ao investigador.

Na sexta descoberta, López Quintás nos demonstra que a verdadeira liberdade (a liberdade interior) exige distanciar-se das pulsões instintivas e escolher, a cada momento, a ação que mais contribua para realizar nosso ideal. É livre apenas aquele que tem um ideal e o sobrepõe às pulsões momentâneas.

Não são os ânimos que podem conduzir um pesquisador, mas a incansável lembrança de o que se quer desvelar. Nos momentos em que o ânimo enfraquecer (pois o cansaço, o desespero, ou até mesmo a apatia podem abater ao pesquisador), é preciso relembrar e renovar o ideal que nos motivou (sétima descoberta: como dar pleno sentido à nossa vida).

Quando nossa leitura, nossos estudos tornarem-se enfadonhos, tediosos, é preciso renovar a atitude de encontro com o que lemos (oitava descoberta: nossa capacidade de ser eminentemente criativos).

Quando não estamos vislumbrando as repercussões ou implicações de cada tema que estudamos é preciso renovar o “pensamento relacional” (nona descoberta). O “em-si-mesmar-



se” é fonte de travamentos. Não é razoável a proposta de Ortega y Gasset: “O pensamento que realmente penso – e não só repito mecanicamente, por tê-lo ouvido – , tenho de pensá-lo eu sozinho ou eu em minha solidão”²². Somente o encontro é capaz de despertar novos olhares para a ciência. O desenvolvimento da ciência foi assim pensado: se faltam idéias, leiam-se outros bons autores.

2.5.3 A QUESTÃO DA LINGUAGEM

Na décima descoberta, López Quintás tangencia tema muito caro ao trabalho do pesquisador, a investigação rigorosa da linguagem, dos termos utilizados nos textos que estudamos, pois “cada vocábulo que usamos nos compromete, porque tem muitas implicações”²³.

Por outro lado, somente aqueles que aprenderam a pensar com o rigorismo esperado, podem expressar-se adequadamente.

As palavras dizem mais do que aparentam à primeira vista. Estar desperto para as suas possibilidades permite o pensar e o expressar rigoroso – duas necessidades de qualquer pesquisador.

Nem sempre é fácil identificar o conteúdo preciso em que um termo está sendo utilizado. Lopez Quintás, no entanto, nos apresenta uma regra de ouro: descobrir o termo oposto, naquele momento, desvela muitos significados ocultados. Por outro lado, ao escrevermos, se utilizamos um termo que possui muitos significados, tome-se o cuidado de apontar o significado que se utiliza. Se for o caso, em nota de rodapé.

Stalin afirmava que o meio mais eficaz que os Estados modernos possuem para dominar as gentes não são as armas, mas os vocábulos do dicionário. Que palavra é poder há muito nos ensinou Hesíodo em sua obra Teogonia, bem como, mais recentemente (em 1948), George Orwell em sua obra 1984 (lembramos da Novilíngua sempre reeditada com menos palavras).

Dominar o significado dos termos, fazer com que se enxergue apenas o que se quer é forma de manipulação muito requintada, pois limita nossas possibilidades de enxergar o mundo.

²² Cf. Ortega y Gasset. **El hombre y la gente**. Madrid, Revista do Occidente, 1957, p. 24. APUD Alfonso López Quintás. **Inteligência Criativa: descoberta pessoal dos valores**. SP: Paulinas, 2004, p. 236.

²³ Alfonso López Quintás. **Inteligência Criativa: descoberta pessoal dos valores**. SP: Paulinas, 2004, p. 237.



Ortega y Gasset pedia que tomássemos cuidado com os termos, pois entendia que estes são os déspotas mais duros que fazem a humanidade padecer. O filósofo Heidegger certamente pontuava que as palavras são a pouco, na história, mais poderosas que as coisas e os fatos. Wittegeinstein nos mostrou que os limites do nosso mundo são os limites de nossa língua.

Usam-se, na comunicação em massa, e as vezes (infelizmente) nos textos científicos, como nos alerta Alfonso Lopez Quintás²⁴, palavras “talismã” com o intuito de esvaziar a reflexão (como o alho que repele o vampiro, há palavras que repelem o pensamento).

Há certos termos que parecem albergar, de tempos em tempos, o segredo da autenticidade humana e por isso tornam-se inquestionáveis, talismã. No séc XVII isto aconteceu com a palavra “ordem”, no sec. XVIII, com a “razão”, no séc. XIX com a “revolução”, no séc. XX até hoje, com a “liberdade”.

Todos são a favor da liberdade, embora poucos saibam realmente o que significa. Apesar disso, colocar-se ao seu lado traz automaticamente prestígio, mesmo que seja ao lado dos vocábulos dela derivados (democracia, autonomia, independência – palavras talismã por aderência). Por sua vez, questioná-la desprestigia automaticamente, mesmo que a oposição não seja verdadeira (pensem no defensor da auto-censura).

Marañon ao biografar a vida do imperador romano Tibério, relata-nos típica expressão talismã de todos os tempos:

Os povos descontentes tudo esperam dessa palavra mágica: mudança de governo. Mas a multidão nunca imagina que pode perder na troca. Os dias de mudança sempre são os de maior regozijo popular, sem que se turbe o alvoroço pelas recordações das infinitas decepções²⁵.

A comunicação em massa sempre manipula ao apresentar-se reducionista, ao nos tratar ou meramente como clientes, ou como seguidores, ou como súditos e não como pessoas. Manipula ao nos tornar objetos de domínio, para manejar nossa conduta, sem nos dar oportunidade de pensar. A grande força da manipulação advém da confusão de conceitos e da rapidez da resposta que não nos permite tempo de análise.

Na investigação científica, curiosamente, deparamo-nos também com tal manipulação. Quantas e quantas vezes, por exemplo, vimos ser invocada a “dignidade da pessoa humana” como fundamento argumentativo sem se preocupar, efetivamente, em fixar qual o significado

24 Cf. Alfonso Lopez Quintás. **La tolerancia y la manipulación**. Madrid: Rialp, 2001.

25 Gregório Marañon. **Tibério: Historia de un resentimiento**. p. 230.



desse termo, verdadeiro talismã dos nossos dias. Quantas vezes se falam em dano à honra, em inconstitucionalidade sem se estabelecer o que são...

3 APERFEIÇOAMENTO PESSOAL PARA O PENSAR

Há um conjunto de orientações (para os pesquisadores principiantes e também para os adiantados) que propicia, aos que legitimamente se dispõem a conhecer, o desembaraço daquilo que comumente entrava o desenvolvimento intelectual autônomo.

Para tanto, muito útil seria contar com maior experiência e ciência. Creio, no entanto, que as pessoas que leiam esse texto com o espírito inflado pelo desejo de incorporar verdadeiramente as características de um pesquisador, não estarão atentas aos defeitos ou simplificações que se apresentarão e, por isso, farão proveito das idéias aqui lançadas.

Os alinhamentos traçados, de qualquer forma, não estão fundados em uma visão particular, nem pessoal, ancoram-se nas leituras de diversos autores e pensadores. Em especial, a base de nossa tecelagem está conformada pela clássica obra **Subida ao Monte Carmelo**, escrita pelo frade carmelita São João da Cruz (1542-1591) em fins do século XVI (entre os anos 1578 e 1585), e por alguns apontamentos de Platão, expressas no livro VII da **República** (sec. IV a.C.).

3.1 UM NOVO OBJETO DE ANÁLISE

Causa muita tristeza assistir a tantas pessoas com talento e disposição suficientes para tornarem-se excelentes pesquisadores malogrem nessa trilha.

Por falta de uma orientação adequada (e como há orientadores ainda deficientes de luz e de experiência adequada!), não sabem que precisam desapegar-se de alguns princípios ou atitudes. Caminhando desorientados, por si mesmos, segundo foram moldados anteriormente (em geral, para serem assimiladores de conteúdo transferidos), apresentam verdadeira resistência (próprio de suas personalidades moldadas) para uma pesquisa verdadeira.

A preocupação dos orientadores e dos livros dessa área (metodologia da pesquisa) desconsideram o tema aqui enfrentado, direcionam-se às técnicas, às formalidades e pouco (algumas vezes nada) dedicam à uma preocupação prévia: quem é o pensador e quais os seus



obstáculos pessoais. Não tem em mente que o ser pensante, antes de ser pensante é um ser, que tem seus limites e obstáculos pessoais que inexoravelmente afetam a pesquisa.

O homem excessivamente inserido na massa vive o vaticínio de Platão: “esses homens estão aí desde a infância, de pernas e pescoço acorrentados, de modo que não podem mexer-se nem ver senão o que está diante deles, pois as correntes os impedem de voltar a cabeça”²⁶. Mais ainda, mesmo que se permita a libertação de suas amarras intelectuais, vê-se embaraçado, pois “as sombras que via outrora lhe parecerão mais verdadeiras”²⁷ do que as realidades que lhe passam a demonstrar os novos olhares.

Há algo paradoxal na personalidade humana: resiste bravamente a rever seus posicionamentos; mas, uma vez destruído em suas concepções, inclina-se a rejeitar veementemente às antigas ilusões (o que Gramsci intitulou “despertar da consciência crítica”).

Por outro lado, a revisão de posicionamentos pessoais não se dá pela imposição: “as lições que se fazem entrar à força na alma nela não permanecerão”²⁸. O que se pode fazer, simplesmente, é moldar, construir as habilidades para que o receptor percorra o pensamento por si só. A descoberta feita pelo próprio pensador é a que deita raízes e muda os olhares.

O propósito desse tópico, portanto, está imbuído da concepção educacional platônica:

A educação é, pois, a arte que se propõe este objetivo, a conversão da alma, e que procura os meios mais fáceis e mais eficazes de o conseguir. Não consiste em dar visão ao órgão da alma, visto que já a tem; mas, como ele está mal orientado e não olha para onde deveria, ela esforça-se por encaminhá-lo na boa direção²⁹.

Essa concepção dirige a atividade educacional para a formação da “capacidade” de pensar, para o moldar o temperamento, o caráter ou a personalidade para os hábitos do legítimo pensar, para as virtudes da intelectualidade. Isto é “encaminhar a alma na boa direção”.

Pela atividade embebida com esse propósito, busca-se algo complexo: a conversão da alma corrompida ou ofuscada pelas demais ocupações.

²⁶ Platão. **A República**. Tradução de Enrico Corvisieri. SP: Nova Cultural, 2004, p. 225.

²⁷ Platão. **A República**. Tradução de Enrico Corvisieri. SP: Nova Cultural, 2004, p. 226.

²⁸ Platão. **A República**. Tradução de Enrico Corvisieri. SP: Nova Cultural, 2004, p. 251.

²⁹ Platão. **A República**. Tradução de Enrico Corvisieri. SP: Nova Cultural, 2004, p. 229.



3.2 APERFEIÇOAMENTO DAS FACULDADES SENSITIVAS

O homem conhece, observa e compreende todas as realidades através dos seus sentidos. É como um prisioneiro que enxerga o mundo exterior apenas através das janelas da sua prisão. Se não olhar por ela, nada verá.

A consciência de que o olhar é limitado pela janela dos sentidos liberta a intelectualidade. A não percepção desse fator, no entanto, pode embotar a alma e direcioná-la a confiar em tudo que os seus sentidos ou paixões lhe mostram, como se fossem “toda” a realidade.

A desmesurada confiança nos sentidos une, mergulha o homem nas paixões e impede os benefícios da racionalidade, impede a claridade da razão. Na caverna de suas percepções sensoriais, que vê somente sombras (simulacros da realidade), não conhece realmente as coisas como elas efetivamente são.

Para alcançar a sabedoria é preciso renunciar à própria percepção. Ao contrário, estaciona-se o pensamento. De outra forma, a gradativa união da alma à realidade a ser desvendada é um caminho do não-saber, antes do que do saber. Porque admito que minha percepção pode ser falsa; penso, aprofundo, verifico novas possibilidades...

Para atingir a liberdade de espírito é preciso romper quaisquer amarras que impeçam nosso pensar. A liberdade é incompatível com a escravidão, com um coração afetuosamente ligado às suas percepções. Enquanto a alma não se despoja de tudo o que é seu, não tem capacidade de saborear algo diferente: “Sabe-se bem, por experiência, que a vontade, quando afeiçoada a um objeto, prefere-o a qualquer outro que seria melhor em si, porém, satisfaria menos o seu gosto”³⁰. Somente a alma vazia de suas afeições, de suas pré-concepções está apta a receber novo conteúdo.

Por isso, o primeiro cuidado a que deve se dirigir a educação da capacidade de pensar é o moldar aos educandos na liberdade dos apetites³¹.

São João da Cruz descreve que o apego acima descrito priva a alma do espírito da verdade (dano negativo), pois o homem apegado às suas percepções resiste a descartar seu próprio olhar, não suporta abandoná-los.

³⁰ São João da Cruz. **Subida ao Monte Carmelo**. Obras completas. SP: Vozes, 2002, p. 154.

³¹ Cf. São João da Cruz. **Subida ao Monte Carmelo**. Obras completas. SP: Vozes, 2002, p. 179.



Os homens enredados nos sentidos, nas paixões (inclinações naturais despertadas por esses), sujeitam-se, em conseqüência a cinco danos intelectuais (danos positivos). Estudemos cada um, adaptando-os (com certa liberalidade) aos propósitos desse curso.

(1) o apego aos sentidos, às paixões fatigam e cansam.

O homem apaixonado por suas pré-concepções nunca descansa, está sempre e sempre a provar seus preconceitos (tal como os apetites mais comezinhos, nunca se contentam, uma vez satisfeitos, querem mais), pois não alcança a liberdade de si mesmo, a liberdade e o repouso que provocam a ciência da “desimportância” de nossa visão.

(2) os sentidos e as paixões atormentam e afligem.

O homem que se sujeita ao jugo dos seus preconceitos enreda-se no tormento e na aflição de os carregar, pois tais realidades não produzem deleite, apenas irritações, exigem, ao contrário, a aflição continuada de não os contradizer, o tormento repetido de os justificar.

(3) causam obscuridade e cegueira.

A alma cativa dos apetites sensíveis não consegue andar em pátios iluminados de outras formas: “o apetite cinge tão de perto a alma e se interpõe a seus olhos tão fortemente, que ela se detém nesta primeira luz, contentando-se com ela, não mais percebendo a verdadeira luz do entendimento. Só poderá vê-la novamente quando o deslumbramento do apetite desaparecer”³².

De outra forma, “(...) a alma permanecerá nas trevas e na incapacidade até se apagarem os apetites. Estes são como a catarata ou os argueiros nos olhos: impedem a vista até serem eliminados”³³;

³² São João da Cruz. **Subida ao Monte Carmelo**. Obras completas. SP: Vozes, 2002, p. 163.

³³ São João da Cruz. **Subida ao Monte Carmelo**. Obras completas. SP: Vozes, 2002, p. 164.



(4) sujam e mancham.

A alma que se apega a suas percepções e inclinações fica desfigurada pelas mesmas. Tal como um belo rosto coberto de fuligem fica desfigurado, a alma que se apega, que se deixa absorver pelas suas idiossincrasias não pensadas torna-se incapaz de ver através dessas manchas.

Quando o santuário da alma é decorado com as pré-concepções não refletidas, especialmente com as pré-compreensões provocadas pelos sentidos e pelas paixões (que sempre querem justificar suas inclinações momentâneas ou habituais), o entendimento fica sem espaço para transitar, fica emaranhado. Torna-se cativo de um aposento sem espaço.

(5) entibiam, enfraquecem.

Quem gasta suas energias em justificar seus apetites, suas pré-concepções, fica, naturalmente com menos forças para dedicar-se ao entendimento aprofundado.

O fato de não se concentrarem os olhares para a descoberta objetiva (sem o eu), faz essa forma de entendimento perder o vigor, o ardor. A intelectualidade fica como minada em suas forças, pois está acompanhada de parasitas que sugam sua seiva, desviam sua energia para outros propósitos.

Os parasitas (pré-compreensão e pré-conceito) podem até mesmo tornar o entendimento cativo, sem forças, à beira da morte. Ou então, deixam-no debilitado.

De qualquer forma, torna o homem pesado para caminhar por si mesmo na intelectualidade, áspero com o próximo (com as idéias alheias), sem vontade para trilhar novas sendas.

Desnudar da alma de suas pré-concepções irracionais é impossível, contrário a própria natureza humana, pois é dotada de apetites. Romper, no entanto, com a adesão voluntária a esses apetites é que se torna necessário. Em outras palavras, não é a pré-compreensão que impede a intelectualidade (embora sempre atrapalhe), mas a pré-compreensão a que se adere.

O querer desapegar-se dessa adesão, no entanto, não é fácil, exige atenção renovada. Volta e meia é preciso recobrar o olhar sobre esse apego e sobre o grau desse apego a que se está sujeito. Não importa se um pássaro está preso por um fio grosso ou fino, das duas formas



o vôo fica limitado. Em verdade, os fios mais finos são menos perceptivos e mais flexíveis, exigindo, portanto, muito mais cuidado.

Às vezes, pela falta de desapegar-se de uma ninharia (que muitas vezes não é ninharia para a vida pessoal, pois poderá exigir mudar de conduta) deixa de se compreender uma série de realidades. Permitir a aliança, mesmo que velada, com alguma pré-concepção, mesmo que pequena, evita progredir no caminho do entendimento verdadeiro.

Por outro lado, São João da Cruz dá-nos uma série de conselhos para superar esses apegos³⁴. Vejamos apenas alguns deles: (a) é preciso inclinar-se ao trabalho, não ao descanso (embora a fadiga e o sono sejam inimigos do estudo³⁵); ao mais difícil, não ao mais fácil; (b) é preciso agir em desprezo próprio, falar contra si, esforçar-se para conceber baixos sentimentos quanto às próprias convicções; (c) para cultivar o desapego a si mesmo, é preciso apegar-se a algo mais elevado, à descoberta da realidade.

3.3 APERFEIÇOAMENTO DAS FACULDADES ESPIRITUAIS

Platão entende que o homem, para percorrer o caminho do conhecimento, não pode ser manco de algumas virtudes, necessita de algumas características: memória, disciplina inquebrantável, amor incontestante ao trabalho³⁶, temperança, coragem e grandeza de alma³⁷.

Há, em suma, características que configuram o espírito do pesquisador. Ao homem dotado de tais atributos a investigação torna-se conatural.

São João da Cruz, por sua vez, aponta-nos que para o homem caminhar em direção a Deus (para a nossa leitura, em direção à verdade) deve passar por momentos de privação (noites). A primeira privação (comparada por ele ao crepúsculo) é a dos sentidos (da luz dos sentidos). A segunda (comparada à meia-noite, por ser a mais escura e sombria de todas), é a do espírito (da própria luz intelectual).

O homem apegado a sua veste, a sua natural maneira de ser e ver o mundo que o rodeia, a sua luz própria, racional, que age em virtude de suas próprias capacidades, desabilita-se para enxergar outros mundos:

³⁴ Cf. São João da Cruz. **Subida ao Monte Carmelo**. Obras completas. SP: Vozes, 2002, p. 176 e ss.

³⁵ Platão. **A República**. Tradução de Enrico Corvisieri. SP: Nova Cultural, 2004, p. 251.

³⁶ Platão. **A República**. Tradução de Enrico Corvisieri. SP: Nova Cultural, 2004, p. 249.

³⁷ Platão. **A República**. Tradução de Enrico Corvisieri. SP: Nova Cultural, 2004, p. 250.

O entendimento não pode conhecer por si mesmo coisa alguma, a não ser por via natural, isto é, só o que alcança pelos sentidos. Por este motivo, necessita de imagens para conhecer os objetos presentes por si ou por meio de semelhanças, como dizem os filósofos, *ab obiecto et potentia paritur notitia*, isto é, do objeto presente e da potência nasce na alma a notícia. Se falassem a alguma pessoa de coisas jamais conhecidas o vistas nem mesmo através de alguma semelhança ou imagem, não poderia evidentemente ter noção alguma precisa a respeito do que lhe diziam. Por exemplo: dissei a alguém que em certa ilha longínqua existe um animal por ele nunca visto, se não descreverdes certos traços de semelhança desse animal com outros, não conceberá idéia alguma, apesar de todas as descrições. Por outro exemplo mais claro se entenderá melhor. Se a um cego de nascença quisessem definir a cor branca ou amarela, por mais que explicassem, não o poderia entender, porque nunca viu tais cores, nem coisa alguma semelhante a elas, para ser capaz de formar juízo a esse respeito; apenas guardaria na memória os seus nomes, percebidos pelo ouvido; mas ser-lhe-ia impossível fazer idéias de cores nunca vistas³⁸.

Nosso molde pré-configurado de ver o mundo impede-nos de estudar em completude.

O físico norte-americano Thomas Samuel Kuhn, nesse sentido, descreve o efeito de cegueira que gera o paradigma, pois limita o raio de nossa visão. Porque estamos acostumados a ver de determinada forma, ao passar ao lado de algo que se situe fora de nossos costumes, não enxergamos, continuamos a “tentar” explicar o que “não” vimos, pelas nossas formas, pelos limites de nossa visão.

Há realidades que não enxergamos:

Me explicaram mas não entendi. Eu não havia esquecido o suficiente para poder imaginar o novo (...) Não entendi porque entender é isto: a gente vê uma coisa e vai procurando, na memória, um cabide onde a “coisa” possa ser pendurada. Quando encontramos o cabide e a penduramos dizemos “entendemos”. O fato de o cabide já estar lá, na memória, à espera, significa que aquela idéia já estava prevista. Já era sabida. Não causava susto. A memória não tem cabides para coisas novas. Só para coisas velhas³⁹.

É preciso incorporarmos a pedagogia do esquecimento: “É preciso esquecer o sabido para saber o que nunca se soube⁴⁰”.

Lembrei-me das cigarras. As cigarras são seres subterrâneos que vivem à raiz das árvores. Dizem alguns que há cigarras que passam mais de 15 anos dentro da terra, sem jamais ver a luz, sem nada conhecer do espaço aberto, das cores, das árvores, do vento. Mas, de repente, elas ouvem um chamado novo, chamado que se encontrava adormecido dentro dos seus corpos. O curioso é que todas ouvem o chamado ao mesmo tempo. Por quê? Não sei. Chamado que nunca tinham ouvido. Chamado para uma coisa nova que elas nem sabiam que existia. Saem então de dentro da terra, sobem nas árvores e deixam, agarradas nos troncos, suas cascas vazias, cascas que durante muitos anos tinham sido suas moradas. Não servem mais.

³⁸ São João da Cruz. **Subida ao Monte Carmelo**. Obras completas. SP: Vozes, 2002, p. 189.

³⁹ Rubem Alves. **Aprendiz de mim**: um bairro que virou escola. Campinas: Papirus, 2004. p. 26

⁴⁰ Rubem Alves. **Aprendiz de mim**: um bairro que virou escola. Campinas: Papirus, 2004. p. 80.



Agora a vida lhes diz: “Voar é preciso”. Mas para voar elas teriam de se “esquecer” de sua maneira subterrânea de ser. Por isso elas abandonam suas cascas nos troncos das árvores. Não se prestam ao voo. Não fazem lugar para as asas. O que fora casa agora é ataúde⁴¹.

O que São João da Cruz nos apresenta, nesse sentido, é que é possível privar-se do padrão pessoal e aquiescer ao outro para enxergar novas realidades, mas essa privação deve ser total:

O cego não inteiramente cego não se deixa guiar direito por quem o conduz. Pelo fato de enxergar um pouco, ao ver algum caminho já lhe parece mais seguro ir por ali, porque não vê outros; e como tem autoridade, pode fazer errar a quem o guia e vê mais do que ele⁴².

Quem aspira unir-se à verdade não pode percorrer o caminho do entendimento apoiado, apegado a suas compreensões parciais (às vezes imaginárias ou fruto de sentimentos), pois isto impede a continuidade da investigação sobre o objeto.

Às vezes, em alguns trabalhos acadêmicos até bem estruturados, apresentam-se algumas conclusões parciais (nos tópicos iniciais) que condicionam todas as demais. Há que se perguntar: e se os passos anteriores estiverem errados, incompletos?

É preciso, para continuar a trilha do conhecimento, da ciência, viver do “não-saber”, mesmo que já se saiba algo. Isto cria um hábito, um modo de ser intelectual que não mais se prende ao próprio modo de entender. Embora todos tenham um modo próprio, a busca de desatrelar-se do mesmo, faz-nos sair da caverna de Platão.

Para chegar a isso, é preciso efetivamente apartar-se para muito longe de si mesmo. Não consegue isto quem não deu um passo anterior: desprezar-se a si mesmo⁴³.

É natural que demos valor ao que descobrimos, às luzes particulares que acendemos na morada intelectual. Mas, se isto fizermos (antes de terminar a pesquisa) pararemos de fazer ciência e passaremos apenas a colacionar provas de que “nós” temos razão, de que nossas habilidades foram eficientes. A investigação assim conduzida deixa de ser da *racionalidade* e converte-se em pesquisa de *justificações*.

Marcos Nobre, nesse sentido, aponta que um dos maiores problemas da pesquisa em Direito, nos dias de hoje, é que essa atividade está contaminada pela lógica do parecer. Assim sendo, o investigador, limitado em seus objetivos, ignora parte do material disponível, faz inconsciente triagem apenas do que homologa ou ratifica a sua opinião inicial. Essa lógica,

⁴¹ Rubem Alves. **Aprendiz de mim**: um bairro que virou escola. Campinas: Papyrus, 2004. p. 80-81.

⁴² São João da Cruz. **Subida ao Monte Carmelo**. Obras completas. SP: Vozes, 2002, p. 192.

⁴³ Cf. São João da Cruz. **Subida ao Monte Carmelo**. Obras completas. SP: Vozes, 2002, p. 193.



ademais, não está calcada, muitas vezes, na demonstração, mas apenas em argumentos de autoridade, que digam onde está a suposta razão⁴⁴.

Segundo nosso maior ou menor treinamento em sair de nós mesmos, adquirimos mais e mais capacidades visuais, enxergamos mais coisas, preparamo-nos para fazer ciência. Assim alcançamos mais conhecimento, embora estes sejam infundáveis:

Suponhamos uma imagem perfeitíssima, com muitos e primorosos adornos, trabalhada com delicados e artísticos esmaltes, sendo alguns de tal perfeição, que não é possível analisar toda a sua beleza e excelência. Quem tiver menos clara a vista, olhando a imagem, não poderá admirar todas aquelas delicadezas da arte. Outra pessoa de melhor vista descobrirá mais primores, e assim por diante; enfim, quem dispuser de mais capacidade visual maiores belezas irá percebendo; pois há tantas maravilhas a serem vistas na imagem que, por muito que se repare, ainda é mais o que fica por contemplar⁴⁵.

Segundo Tomás de Aquino, a verdade é fruto da adequação das coisas ao intelecto e do intelecto às coisas (*veritas est adequatio rei et intellectus*). Ocorre que, para o intelecto conformar-se à verdade das coisas (o que a pesquisa quer descobrir, mesmo que se busquem verdades culturais como a do Direito) é preciso que essa potência esteja apta para “toda” a verdade a ser encontrada.

O grau de conhecimento alcançado depende dessa capacidade. É a capacidade do recipiente que nos diz quanto de conteúdo pode ser contido. Embora, em determinado momento, possamos estar repletos ou transbordando de conteúdo, segundo nossas capacidades; é possível ampliar as mesmas.

Para São João da Cruz, “todos os conhecimentos adquiridos constituem antes impedimento que auxílio, se a ele nos apegarmos”⁴⁶.

A alma, vendo-se favorecida por descobertas, muitas vezes concebe secretamente boa opinião de si, satisfação de sua descoberta. O proveito, a partir de então, será menor do que poderia ser, pois essa mesmíssima satisfação paralisa a inquietação (218).

Se a alma não fecha os olhos novamente, se não volta voluntariamente à escuridão, ao caminho do não-saber, estaciona e não se lança a novos vôos.

Presa à propriedade de suas visões (novamente a questão não reside na visão, mas no apego) impede-se a continuidade do caminho da desnudez (sem contar com o fato de que

⁴⁴ Cf. Transcrições do debate realizado pela Escola de Direito de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas sobre a Pesquisa em Direito. IN *Cadernos Direito GV*, v. 5, n. 5: setembro 2008. p. 25.

⁴⁵ São João da Cruz. **Subida ao Monte Carmelo**. Obras completas. SP: Vozes, 2002, p. 198-199.

⁴⁶ Aut. Cit. **Subida ao Monte Carmelo**. Obras completas. SP: Vozes, 2002, p. 209.



essas primeiras descobertas podem ser falsas). Se essas ilusões (verdadeiras ou falsas) deitam raízes profundas, impede-se o retorno para o caminho da pesquisa. Em outras palavras: a alma presa às suas descobertas apenas mudou a morada de sua ignorância, detêm-se no meio do caminho...

Ao contrário, preservado o desapego, excluído o desejo pelo descoberto, poderão somar-se novas descobertas... Para subir a escada do conhecimento, que nos aproxima do plano superior da verdade, é preciso deixar para trás, continuamente, os degraus já conquistados. A pesquisa e o espírito de investigação, depois que alcançam algum patamar de união com o ser conhecido, precisam desvincular-se do conquistado (que gera novos “acostumbramentos”) para caminhar ao próximo piso.

Há que se tomar cuidado, no entanto, com essa atitude para não incorrer no vício intelectual oposto. O desapego do que foi conquistado é necessário, mas não antes de se consolidar o entendimento já descoberto. Senão a trilha do conhecimento não será proveitosa.

Embora a solidificação das idéias seja a fonte do apego, paradoxalmente, é preciso aprofundar no que foi entendido até o momento, pois não deixa de ser parte da realidade investigada. Deve-se evitar o apego, mas não que se aprofunde o entendimento.

Enquanto estiver-se a discorrer e a explicar o que se está compreendendo, a atenção nesse ponto deve concentrar-se (sob pena de se construir o caminho da investigação apenas desconstrutiva, que não pode ser o propósito final de nenhuma pesquisa). Quando a compreensão gerar o sossego do espírito própria de quem dominou a situação, de quem já usufruiu de todos os proveitos de determinada compreensão, é que surge o momento de desapegar-se.

CONCLUSÃO

A senda de tornar-se um verdadeiro pesquisador, de estar habilitado para a pesquisa exige o eterno desafio grego: Conhece-te a ti mesmo. O pesquisador é alguém diferente, que sabe olhar para os objetos sob análise de forma diversa, pois sabe quais são as suas limitações e as supera, passa por cima delas (lembremos o poema de Cruz e Souza).

John Nash, o grande matemático, ganhador do prêmio nobel de economia em função de descobrir o equilíbrio da teoria dos jogos, era bipolar. Somente quando adquiriu verdadeira consciência de suas limitações soube continuar seus estudos, diferenciando o que era



realidade e o que era invenção ou projeção de suas limitações. Consciente e com suas limitações, alçou vôo incomensurável do saber.

A consciência aliada a continua luta pessoal para superar nossas limitações faz-nos verdadeiros pesquisadores, legítimos cientistas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Aprendiz de mim: um bairro que virou escola.** Campinas: Papirus, 2004.

ALVES, Rubem. **Lições de Feitiçaria.** Meditações sobre a poesia. SP: Loyola, 2003.

ASSIS, Machado de. **Crônicas Escolhidas.** SP: Ática, 1994, p. 18-19.

CRUZ E SOUZA, João da. **Poesia** (organizado por Tasso da Silveira). 5ª ed. Coleção Nossos Clássicos. RJ: Livraria Agir Editora, 1975.

CRUZ, São João da. **Subida ao Monte Carmelo.** Obras completas. SP: Vozes, 2002.

GUIMARÃES ROSA, João. **Tutaméia.** RJ: Nova Fronteira, 1985, p. 18. APUD Rubem Alves. **Lições de Feitiçaria.** Meditações sobre a poesia. SP: Loyola, 2003.

JUNGER, Ernst. Heliópolis. **Visión retrospectiva de una ciudad.** Tradución del alemán por Marciano Villanueva. Barcelona: Editorial Seix Barral, 1998.

LÓPEZ QUINTÁS, Alfonso. **A Formação Adequada à Configuração de um Novo Humanismo.** Conferência proferida na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 26 nov. 1999. Disponível em: <<http://www.hottopos.com.br/prov/quint2p.htm>>. Acesso em: 10 ago. 2009.

LÓPEZ QUINTÁS, Alfonso. **Descobrir a Grandeza da Vida.** Introdução à Pedagogia do Encontro. Trad. Gabriel Perissé. SP: ESDC, 2005.

LÓPEZ QUINTÁS, Alfonso. **El espíritu de Europa.** Madrid: Unión Editorial, 2000.

LÓPEZ QUINTÁS, Alfonso. **Inteligência Criativa: descoberta pessoal dos valores.** SP: Paulinas, 2004.

LÓPEZ QUINTÁS, Alfonso. **La tolerancia y la manipulación.** Madrid: Rialp, 2001.

MARAÑÓN, Gregório. **Tibério: Historia de un resentimiento.**

PERISSÉ, Gabriel. **Método Lúdico-Ambital: a leitura das entrelinhas.** SP: ESDC, 2006.

PERISSÉ, Gabriel. **O professor do futuro.** RJ: Thex Editora, 2002.



PLATÃO. **A República**. Tradução de Enrico Corvisieri. SP: Nova Cultural, 2004.

RUSSEL, Bertrand. **On Education**. London: George Allen & Unwin, 1926.

TOLSTÓI, Lev Nikoláievich. **Ana Karênina**. Trad. Mirtes Ugeda. SP: Nova Cultural.